

Introdução à metafísica de Georges Bataille

Susana de Castro Amaral Vieira¹

“o homem é uma corda estendida
entre o animal e o super homem”
(Nietzsche, in *Assim Falou Zaratustra*)

Resumo

George Bataille propõe uma narrativa filosófica que explica a origem da separação entre animalidade e humanidade a partir das noções de experiência da continuidade e descontinuidade. Este artigo apresenta os elementos que segundo Bataille caracterizam a animalidade e a humanidade, e as razões pelas quais estes elementos estão relacionados.

Palavras chaves: erotismo; animalidade; continuidade do ser; interditos.

Abstract

Georges Bataille offers one philosophical narrative to explain the distinction between animality and humanity through the notions of continuity and discontinuity. This article shows which are elements that characterizes either animality and humanity, and the reasons why they are connected.

Keywords: erotism; animality; continuity of being; prohibitions

¹ Doutora pela Universidade de Munique, professora do Departamento de Filosofia da UFRJ e membro do Programa de Pós-Graduação em Filosofia PPGF-UFRJ. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. E-mail: susanadec@gmail.com

Fluídos corporais

No diálogo central do filme *Dr. Strangelove* (1964) de Stanley Kubrick, o general que por conta própria havia enviado o comando aos bombardeiros nucleares norte-americanos de ataque à União Soviética explica ao atônito oficial interpretado pelo ator Peter Sellers como havia descoberto a conspiração comunista. Segundo esse general, os comunistas não bebiam água, somente vodca, pois havia envenenado com flúor a água potável de modo paulatinamente e imperceptivelmente tornar impuros os fluídos corporais dos norte-americanos. Perguntado como ele havia feito essa descoberta, retruca que havia sido durante um ato de amor. Para ele, a profunda sensação de fadiga e de vazio pós-coito era um sinal de que algo estava acontecendo com ele, que a perda de fluído estava levando à perda da sua essência. Essa constatação é evidentemente absurda e o filme denuncia a loucura da paranoia comunista. Mas essa hipótese está fundada em uma constatação real de que o ser humano precisou limitar a atividade sexual para poder canalizar sua energia para atividades produtivas. Assim, seria correta a afirmação, ainda que totalmente exagerada no filme, de que a essência do ser humano se perde no ato sexual.

Para Georges Bataille, a essência do ser humano foi dada pela sua capacidade de dizer não aos impulsos aniquiladores e violentos da natureza. Dizer não a esses impulsos de violência próprios à ação da natureza sobre os seres humanos, impulsos estes que os fazem agir de modo a conseguir a satisfação imediata de seus prazeres, a custa de dispêndio sem medida da energia vital, não significa, entretanto, a sua completa eliminação.

De acordo com a narrativa oferecida por Bataille, o ser humano disse não para a ação destrutiva da natureza através da invenção do trabalho. É o fato de ele trabalhar que o distingue de tudo o mais. Através da organização coletiva do trabalho, o ser humano foi obrigado a domesticar seus impulsos sexuais dispendiosos e destrutivos, pois do contrário não seria capaz de planejar e executar tarefas mais complexas.

1. O animal e o humano

Ninguém dúvida que os 2% de diferença entre o código genético do ser humano e do chimpanzé *fazem toda a diferença*, isto é, este percentual baixo de diferença genética é responsável por grandes diferenças de capacidades. Mas quando, como, e porque o ser humano se diferenciou da natureza, dos animais? Há muitas hipóteses.

Para a antropologia, a passagem da animalidade para a humanidade equivale à passagem da natureza para a cultura. Segundo Levi-Strauss (2010), o acontecimento fundamental à passagem de uma à outra foi a ‘invenção’ do tabu do incesto. As filhas e as mães não podiam mais ser objeto do interesse sexual do irmão e do pai, algo que do ponto de vista dos animais seria totalmente comum, e passaram a ser objetos de troca, isto é, eram oferecidas a membros de outras famílias como esposas, e em troca seus irmãos recebiam mulheres de outras famílias como esposas. O interdito do incesto teve como consequência a fixação das relações de parentesco (do lugar simbólico do pai, da mãe, do filho e da filha na família patriarcal) e o estabelecimento das relações de troca nas comunidades humanas primitivas.

Para a psicanálise, por outro lado, a nossa estrutura psíquica e a nossa vida emocional é o que nos diferencia das outras espécies. Segundo Freud (2010) na fase inicial de desenvolvimento emocional direcionamos a nossa libido, isto é, nosso amor, para o nosso próprio ego, mas depois o dirigimos para objetos externos: pessoas, coisas, natureza, arte. A beleza, a perfeição e a importância das coisas, pessoas, eventos, estados não estão, diz Freud, nelas mesmas, mas sim em nós. O amor, a libido que depositamos nas coisas, pessoas, objetos é que as tornam valiosas. Se amanhã ou depois uma catástrofe natural ou geológica varrer a espécie humana da face da terra, as coisas naturais perderão sua relevância e significação, pois não haverá um ser humano vivo que as aprecie. Gostos e preferências estéticas não são idiossincráticos, isto é, relativos, mas tão pouco são atemporais ou absolutos, mas sim cultural e historicamente construídos. Amanhã ou depois pode surgir uma geração que não aprecie as obras de arte que hoje achamos belas, diz Freud. De fato, passado um século da redação deste texto, a beleza não é mais considerada a questão central para a arte contemporânea.²

Para a filosofia, a questão da passagem da animalidade para a humanidade deve ser tratada na sua totalidade. Diferente das ciências, como a antropologia e a psicanálise, que explicam o fenômeno ‘humanidade’ a partir de um fato isolado, de um objeto, seja este as relações de parentesco, ou a excepcionalidade da vida emocional humana, a filosofia busca entender o fenômeno na sua totalidade. Para Georges Bataille (1992 e 2010), não podemos separar totalmente a animalidade da humanidade. As duas estão dialeticamente imbricadas.

² Como relata Arthur Danto, os ready-mades de Duchamp e as Brillo Box de Andy Warhol revolucionaram o mundo de arte ao torná-lo mais conceitual, menos visível. São suas propriedades invisíveis que fazem do objeto de arte arte. A beleza deixou de ser o tema central da arte. In: *The Abuse of Beauty, aesthetics and the concept of art*. Chicago: Open Court, 2003.

Valendo-se de elementos da antropologia, da psicanálise e da sociologia, Bataille mostra tanto a relevância do estabelecimento dos interditos, quanto a relevância da transgressão do interdito para a constituição da humanidade. A natureza para Bataille é o lugar do excesso e da prodigalidade, não da economia, do cálculo, da utilidade. O animal busca a satisfação imediata das suas necessidades, ainda que isso signifique o uso da violência. Se por um lado seu imediatismo o priva da capacidade de planejamento e controle, por outro não há porque crermos que o elemento do descontrole, da desmesura e da violência possam ser completamente eliminados da vida humana.

Filósofos como Friedrich Nietzsche e Georges Bataille, veem a natureza de uma maneira não idealizada, como uma série de acontecimentos não ordenados. Discordam da visão na qual todo o movimento na realidade natural possuiria uma lógica intrínseca, ou seja, na qual tudo dentro dessa ordem, afora eventuais acidentes de percurso, tenderia à perfeição. Esta era a posição defendida por Aristóteles e perpetuada até os dias de hoje através do olhar, por exemplo, que a biologia tem acerca da natureza e do 'natural'. Para Nietzsche e Bataille, ao contrário, a natureza não tende à perfeição, visto que, na realidade, é primordialmente violenta. O que a caracteriza é o excesso, o gasto, o dispêndio de energia, o aniquilamento dos seres, enfim, a violência. Ambos os filósofos conferem às paixões humanas e a sua relação com os impulsos animais no homem um papel preponderante para a vida.

2. O interdito

Os excessos e os extremos sempre exerceram fascínio, mas foram controlados por meio da criação dos interditos. A criação dos interditos possibilitou ao ser humano construir uma civilização organizada sob o signo do trabalho coletivo. Para Bataille, todos os interditos estão relacionados ao sexo e à morte. A angústia da morte, o reconhecimento da inexorabilidade do aniquilamento do indivíduo, o levaria normalmente ao desespero não fosse a presença dos interditos que promovem a organização da morte, tais como o sepultamento e a proibição do assassinato. Como veremos mais adiante a relação do ser humano com a morte é complexa. No mundo do trabalho, que é o mundo da duração e da individualidade, a morte é um tabu. Mas ela também ecoa no fascínio que o estado animal primeiro da humanidade, quando não a duração não existia, mas apenas o momento, e cada situação, inclusive a morte, era vivida sem estratégia de redução de dispêndio de energia, exerce em nós.

Por outro lado, a natureza naturalmente dispendiosa criou no ser humano o instinto sexual que o faz buscar a união erótica. A energia dispendida na relação sexual é controlada através dos interditos sexuais, tais como o incesto, o ocultamento das partes íntimas, a realização privada do ato sexual, a união monogâmica, o tabu do sangue menstrual, entre outros.

No fundo, porém, ambos os grupos de interditos, os que dizem respeito à morte e ao sexo, estão relacionados. A força dos interditos na mente humana pode ser medida pelo impacto psicológico que provocam.

Tanto um, como o outro, provocam náuseas, nojo, terror, e ao mesmo tempo fascínio e atração. Os indivíduos educados sob uma severa educação moral, segundo a qual o prazer sexual seria completamente obsceno, sentem naturalmente nojo quando expostos a imagens eróticas não convencionais, nas quais as posições sexuais inusitadas e o prazer intenso são representados; por outro lado, é comum a todo ser humano sentir náuseas e nojo diante de corpos despedaçados, ou em estado de putrefação. Não aceitar com naturalidade esses fatos da vida biológica, faz parte da essência humana, e é a forma pela qual o ser humano conseguiu deter o poder violento e paralisante da natureza sobre ele.

Mas junto ao nojo há também a atração. Se, por um lado, para Bataille, os seguidores de Nietzsche se equivocam ao propor um retorno idílico à natureza violenta, por outro, os moralistas também se equivocam ao crer na possibilidade de eliminação completa da violência através dos interditos. Não podemos retornar pura e simplesmente à natureza como se a criação do mundo do trabalho não fosse algo que nos constituísse essencialmente, mas tampouco podemos deixar de ter consciência da existência da violência que nos atravessa, no nascimento e na morte. Essa violência nos atrai, nos puxa, pois ela é a promessa do uno-primordial, de que fala Nietzsche (2007), ou da continuidade do ser, nas palavras de Bataille.

3. Contínuo versus separado

No início da vida na terra havia a continuidade do ser. Animais não se distinguiam de outros animais e do ambiente. Havia um fluxo entre animais e meio ambiente, e entre animais entre si. A continuidade de tudo formava uma unidade. A essência dessa unidade de todos os seres, sua existência comunitária, mas sem consciência, baseada em ação e reação, estava na espontaneidade e gratuidade. Não havia duração. Aqui a existência estava concentrada no momento, na imanência, no imediato.

Antes da invenção do trabalho, o ser humano vivia neste universo de relações pautadas pelo imediatismo, pela gratuidade. Não havia consciência clara e separada (que depende da noção da separação entre sujeito e objeto) e tão pouco havia a noção de duração, planejamento, economia, não-desperdício. Como só havia o tempo presente, todos os seres interagiam de modo livre, sem poupar energia e sem temer a morte ou a destruição. Não havia a noção de poupar energia. O dispêndio de energia vital era total.

A consciência clara e a razão surgem quando o ser humano se distingue do mundo e passa a tratar os objetos e animais ao redor como o não eu. Essa situação ocorre, segundo Bataille, no momento em que o ser humano cria ferramentas para a utilidade prática, laborial, e passa a olhar os objetos externos a si e os animais como meios para a produção. Neste momento, a consciência do ser humano se separa da continuidade do ser e objetifica o mundo. Assim como observamos os objetos externos à mente a partir da separação e do reconhecimento dessa separação, também podemos nos observar. Essa possibilidade de nos observar, como a um objeto, cria a consciência de si e a individualidade, algo impensável no mundo da continuidade do ser. Nasce assim a subjetividade e a objetividade. Ambas estão dialeticamente relacionadas. A partir daí tudo muda. A fim de controlar o mundo exterior, o ser humano passa a ver os recursos naturais e os seres vivos, animais, como meios para atingir a produção. Foi a criação da ferramenta, diz Bataille, que despertou o homem de seu sono animal (BATAILLE, 1992). A ferramenta o fez ver que havia uma separação entre ele e os outros seres, entre ele e o mundo. Neste momento o pensamento, se é que podemos falar de existência de pensamento aqui, deixou de ser participativo e passou a ser racional. Paulatinamente, o ser humano passou a controlar mais o dispêndio de energia vital e sexual a fim de dedicar-se às atividades laboriais e à organização social. A existência humana deixou de girar em torno do imediato, do momento e da busca das satisfações físicas.

Essa ruptura apesar de totalmente benéfica ao desenvolvimento humano, não deixou de ser traumática. A nossa consciência de si traz consigo a sensação de separação completa e a solidão. Somos hoje indivíduos conscientes, capazes de planejar nossas ações, evitar confrontos, pensar no futuro, reduzir o dispêndio de energia, mas também somos menos livres, mais solitários e mais temerosos. A invenção da ferramenta trouxe consigo a consciência clara e o sujeito, trouxe, enfim, a noção de individualidade, antes totalmente desconhecida (BATAILLE, 1992, p.41). Vivíamos como seres que faziam parte de uma totalidade, a totalidade da continuidade do ser.

É inegável, diz Bataille, que avançamos muito ao darmos o salto que nos tirou do sono da animalidade, mas não podemos simplesmente apagar de nossa memória profunda o estado original no qual participávamos junto com a natureza e os animais de um contínuo, de uma totalidade indivisível. Carregamos em nós essa duplicidade. Precisamos reconhecer a existência desse modo primeiro de existência, do qual carregamos marcas, para que possamos verdadeiramente nos conhecer na nossa totalidade. Carregamos a nostalgia dessa fruição livre e imediata da vida.

4. A origem da religião

Para Bataille, a origem das religiões está na nostalgia dessa existência primeira, ‘animal’. As primeiras religiões sabiam que o sagrado estava na unidade e continuidade de todos os seres, por isso promoviam festivais religiosos e sacrifícios. Tanto uns como outros serviam para restituir por um breve período os animais sacrificados a sua condição de animais, já que viviam descaracterizados como seres que serviam a finalidades humanas (BATAILLE, 1992, p.43). Nesses festivais buscava-se transcender a consciência e atingir um nível de ausência de individualidade. Tudo isso durava pouco tempo, pois não mais interessava a ninguém, nem mesmo aos religiosos, que os seres humanos permanecessem neste estado do sono animal, que a violência sem limite colocasse em risco a estabilidade das coisas. Era preciso que houvesse um tempo pré-definido para duração do sacrifício e dos festivais, pois a ordem do real, da sociedade do trabalho precisava ser restituída.

O que importa para análise de Bataille é que reconheçamos que carregamos dentro de nós uma outra humanidade, uma humanidade mais próxima da animalidade. Esse estado próximo da animalidade é também um estado próximo da violência, do sexo, da destruição. A partir do momento que entramos no mundo do trabalho e da consciência, começamos a agir de modo a diferenciarmo-nos dos outros, buscamos a colaboração dos outros na atividade laborial e introduzimos a linguagem e a comunicação como forma de lidar com conflitos que por ventura surjam. Tudo é muito calculado, planejado, pensado. A existência presente está voltada para o futuro. Esse mundo do trabalho é também o mundo da redução, diz Bataille. Redução da energia gasta em atividades não produtivas, como as relações sexuais, e investimento dessa energia em atividade úteis. Canalizamos nossa energia, nossa força, para outras atividades, além da sexual. A questão central é que já que hoje não podemos vivenciar o sacrifício nem os festivais religiosos panteístas, somente através da atividade sexual podemos vivenciar a intimidade e a violência que caracterizavam

o princípio da existência humana, o momento da continuidade do ser. Essa intimidade que leva a eliminação dos limites de individualidade é pautada pelo gasto de energia sem outra finalidade que não seja a própria atividade. No paroxismo da relação sexual a consciência fica obscura, e o obscurecimento da consciência é o momento da ausência de limites entre os seres que compartilham o momento de desnudamento e união.

5. Civilização e barbárie

Trata-se de um engodo afirmar que a diferença entre civilização e barbárie está no uso ou não da violência no lugar da comunicação e do diálogo. Tanto o ‘outro’, chamado de bárbaro, usa a comunicação como mediadora de conflito, quanto o civilizado é violento, como bem mostra a ocorrência relativamente frequente de linchamento nos grandes centros urbanos (BATAILLE, 2012, p.214). Mesmo reconhecendo o intransponível pertencimento à ordem do real e ao mundo do trabalho, precisamos ter consciência que a redução do gasto de energia vital e sexual, seu uso calculado, a introdução da vida pautada na duração, no cálculo do tempo levam a uma diminuição da experiência do momento intenso, de pleno uso e dispêndio de força e energia, levam ao ocultamento da vida. Esta só poderia ser restituída a sua plenitude, ainda que apenas em teoria, se vivenciássemos a impossibilidade da duração.³

O indivíduo do mundo do trabalho e do real não é soberano. A sua atividade de trabalho é extrínseca a si mesmo, isto é, tal qual o animal que se torna coisa quando passa a servir ao interesse humano, também o próprio indivíduo torna-se coisa na medida em que sua atividade não é para si, mas serve a um outro fim.

6. Conclusão

Para o autor francês, não precisamos buscar literalmente a morte para experimentar a unidade do ser. Segundo ele, a vivência da base comum entre nascimento e morte, a violência natural que as origina desde a continuidade do ser (da natureza), pode ser vivida através da experiência erótica. Se, por um lado, os seus participantes sabem que estão

³ BATAILLE, G. *Theory of Religion*, p. 48. Difícil não pensar nos artistas que morreram jovens, fazendo uso excessivo de drogas, e conscientes que a experiência os levaria ao fim (Amy Winehouse, Jim Morrison, Janes Joplin, Jimmy Hendrix...). Estavam tentando viver a ‘impossibilidade de duração’.

ultrapassando o limiar entre o permitido e o proibido, por outro lado, é importante que reconheçam a existência desse interdito.

Penso que Bataille (1992 e 2013) aprofundou a intuição nietzschiana da relação entre a festa dionisiaca, a dança e o canto, e, nas palavras de Nietzsche, o ‘evangelho da harmonia universal’, isto é, a fusão dos seres no uno-primordial. Sua estratégia argumentativa ampliou o foco, isto é, além das atividades artísticas dos festivais (BATAILLE, 1992), como o canto e a dança, abordou a experiência da continuidade do ser na reprodução e na relação entre o erotismo e a morte.

Somos seres descontínuos, isto é, separados uns dos outros. Entre cada um de nós há um abismo imposto pelos limites e formas que nos constituem como seres separados. A consciência da separação é uma marca fundamental que nos distingue dos animais não racionais. Nascemos sós e morreremos sós. Não há como suprimir o abismo que nos separa uns dos outros:

Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. Suportamos mal a situação que nos prende à individualidade fortuita, à individualidade perecível que somos. Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração desse perecível, temos a obsessão de uma continuidade primeira, que nos religa geralmente ao ser. (BATAILLE, 2013, p. 39)

Temos em comum com os outros humanos o sentimento da vertigem desse abismo disforme. Esse abismo, diz Bataille, é, em certo sentido, a morte. Ela, a morte, também é vertiginosa e fascinante. Ela tem o sentido de continuidade do ser, de fim da separação entre seres descontínuos. Para Bataille, há uma identidade entre a continuidade dos seres e a morte. A chave para viver essa experiência religiosa interior, da continuidade dos seres, a experiência da morte sem a morte, está no erotismo.

Se, por um lado, o erotismo seria uma prática exclusiva dos seres humanos, que nos possibilita desvincular o gozo erótico da finalidade de reprodução da espécie, por outro, o sentido fundamental da reprodução é a chave do erotismo.

O espermatozoide e o óvulo são, em seu estado elementar, seres descontínuos, mas se unem e, em consequência, uma continuidade se estabelece entre eles para formar um novo ser a partir da morte, da desaparecimento dos seres separados. O próprio ser é, ele próprio, descontínuo, mas traz em si a passagem à continuidade, a fusão, mortal para cada um deles, dos dois seres distintos. (BATAILLE, 2013, p. 38)

A experiência da continuidade do ser na morte é, por razões óbvias, inapreensível pelo pensamento, mas o ser humano pode ter a experiência do contínuo, da união com o

ser, em vida, através de outras experiências, uma delas é a fusão erótica. Na união sexual é possível experimentar a dissolução da forma constitutiva do eu, experimentar o estado do informe. Por breves momentos, credenciais e projetos futuros são esquecidos na vertigem abissal que o orgasmo propicia. Essa experiência de esquecimento do eu, da ausência de descontinuidade, está ligada à experiência da violência e da morte, pois aí se reencena a dinâmica fundamental de reprodução, na qual a fusão dos elementos distintos, óvulo e espermatozoide, significam a sua destruição para o nascimento de um ser distinto, o embrião. Essa vertigem propiciada pelo gozo reflete a aproximação entre o fim do ser descontinuo e a violência (destruição) que esse fim representa. A tensão entre atração (desejo, prazer) e repulsão (violência, destruição) é central para a experiência interna erótica da continuidade. Bataille caracteriza essa tensão como a *transgressão do interdito*. O componente central do erotismo é a assumida transgressão de interditos tais como o interdito do sexo sem a finalidade de reprodução, a proibição do dispêndio de energia sexual sem finalidade ou utilidade específica, como a masturbação, a proibição do uso de termos obscenos, entre outros. Se o interdito (a lei, a proibição, a regra, a ordem) não estivesse presente na cena do jogo erótico, este seria banal, animal.

Conforme exposto acima, começamos a nos distinguir dos animais, diz Bataille, quando nos distanciamos da violência da busca da satisfação imediata dos desejos (esta satisfação sem freios pode levar, e leva, ao assassinato, ao crime). A primeira etapa desse distanciamento da violência ocorre quando descobrimos o trabalho. Para o planejamento das atividades, o ser humano teve que desenvolver a racionalidade, e a percepção da separação entre ele e os objetos. O desenvolvimento da noção do trabalho libertou o homem da vida imediata e da violência implícita ao seu estado animal, natural, anterior. Mas não a eliminou completamente.

O outro interdito central para a formação do ser descontinuo que somos foi o interdito relacionado ao corpo inanimado. Cedo, as primeiras comunidades humanas passaram a enterrar os mortos. A visão da putrefação do corpo inanimado causava uma angústia insuportável. Esta só foi aplacada a partir do momento em que o processo de putrefação foi ocultado e o corpo enterrado. Mas o desejo da duração do perecível que somos e a angústia pela visão de que afinal não somos imortais não desapareceu completamente. Desejamos, por um lado, permanecer vivos, e nos angustiamos com a perspectiva do nosso desaparecimento. Por outro lado, a continuidade do ser vivenciada fortuitamente no momento da união dos seres descontínuos que nos geraram, nos atrai. Sentimos ao longo da vida a nostalgia por esse momento único. A continuidade dos seres

promete uma paz duradoura, na qual não precisamos carregar nosso ego e sua aventura ininteligível. Queremos nos perder no mar do indiscernível do contínuo, do uno. Mas só podemos ter a continuidade se abrimos mão da descontinuidade, se aceitarmos o desaparecimento do nosso eu. Segundo Bataille (2013, p. 35) “Ainda que a atividade erótica seja antes de mais nada uma exuberância da vida, o objeto dessa busca psicológica, independente, como disse, da intenção de reprodução da vida, não é estranho à morte.”

Assim como no primeiro interdito, o da proibição do sexo promíscuo, praticado fora do objetivo de reprodução, também o interdito da putrefação da carne, isto é, a lei do sepultamento, retorna na experiência do gozo erótico. A sacralidade do prazer erótico decorre da possibilidade de vivenciar internamente a experiência da tensão entre a angústia da finitude e a nostalgia da continuidade. A morte e a continuidade dos seres são banidas da vida através da força dos interditos, mas reaparecem na transgressão. De maneira geral, todo sentimento religioso baseia-se nessa duplicidade entre a angústia da finitude e a nostalgia da não separação, da continuidade do ser. O cristianismo, porém, desvirtuou o sentido da sacralidade original ao separar a experiência religiosa da experiência da carne.

Para Bataille e Nietzsche, é justamente através do corpo, que dança, canta, goza, ou entra em transe orgiástico que atingimos a continuidade do ser, o uno-primordial. Ao se opor à carne e ao negar qualquer sentido legítimo à transgressão, a religiosidade cristã inverteu os valores. Quando o mundo está coletivamente, de modo socialmente aceito, em suspenso, isto é, quando a interrupção do interdito era possível, desde que os limites fossem observados, como nas festas báquicas do carnaval arcaico, as verdades até então certas eram invertidas e vigorava o espírito da irreverência despudorada e da violência. É, paradoxalmente, nesse momento que “a verdade do avesso revela sua força transformadora” (BATAILLE, 2013, p. 143).

Referências

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 214.

_____. **Theory of Religion**. Trad.: Robert Hurley. Nova Iorque: Zone Books, 1992.

DANTO, Arthur. **The Abuse of Beauty, aesthetics and the concept of art**. Chicago: Open Court, 2003.

LEVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares de parentesco**. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da tragédia.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Recebido em: 12-03-2015

Aprovado em: 31-08-2015